



Acerto de contas com o passado

Presidente de Portugal admite culpa por escravidão e fala em reparação

— Marcelo Rebelo de Sousa fez declaração a jornalistas estrangeiros e sugeriu que país poderia ‘pagar os custos’ do colonialismo, mas não elaborou como isso poderia ser feito

LISBOA

O presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, disse que o país “assume total responsabilidade” pelos crimes cometidos durante o período colonial, como a escravidão, o massacre de povos indígenas e o saque de bens. Em entrevista a jornalistas estrangeiros, ele sugeriu que o Estado português estaria disposto a “pagar os custos” pelos abusos, mas não pediu oficialmente desculpas ou explicou como seria feita na prática a reparação.

“Temos de pagar os custos (pela escravidão). Há ações que não foram punidas e os responsáveis não foram presos? Há bens que foram saqueados e não foram devolvidos? Vamos ver como podemos reparar isso”, disse o presidente. Portugal manteve colônias na América, Ásia e África, incluindo Brasil, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Timor Leste, além de entrepostos comerciais na Índia, na China e no Japão.

DESCULPAS. São raros os casos em que autoridades de Portugal comentam sobre o passado colonial do país, o maior protagonista do tráfico transatlântico de escravizados – quase 6 milhões de pessoas, metade do total de escravos levados para territórios na América Latina e no Caribe. Somente para o Brasil, segundo o Banco de Dados do Comércio Transatlântico



Marcelo Rebelo de Sousa: revisando o passado colonial português

“Há ações que não foram punidas e os responsáveis não foram presos? Há bens que foram saqueados e não foram devolvidos? Vamos ver como podemos reparar isso”
Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente de Portugal

co de Escravos, vieram 4,86 milhões, entre os séculos 15 e 19.

No entanto, Rebelo de Sousa, considerado um moderado do Partido Social-Democrata, foge à regra. No ano passado,

durante a comemoração anual da Revolução dos Cravos, ele já havia declarado que Portugal deveria se desculpar pelo colonialismo e por sua participação na escravização de milhões de africanos, mas não chegou a concretizar o pedido de desculpas. Na terça-feira, ele afirmou que “pedir desculpas é a parte mais fácil”.

“Não é apenas pedir desculpa, devida, sem dúvida, por aquilo que fizemos, porque pedir desculpa é, às vezes, o que há de mais fácil. Pede-se desculpa, vira-se as costas e está cumprida a função. Não, é assumir a responsabilidade para o

Governo do Brasil pede ações concretas do Estado português

A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, pediu ontem “ações concretas” por parte de Portugal, após as declarações do presidente português, Marcelo Rebelo de Sousa. “A nossa equipe já está em contato com o governo português para dialogar sobre como pensar essas ações e quais passos serão tomados”, afirmou Anielle, segundo a Agência Brasil. De acordo com ela, as declarações de Rebelo de Sousa são “fruto de séculos de cobrança da população negra”. ●

futuro daquilo que de bom e de mau fizemos no passado”, disse o presidente.

REAÇÃO. O partido de extrema direita Chega! reagiu enfurecido às declarações de Rebelo de Sousa, chamando de “traição à pátria” a proposta do presidente português. “Se houvesse uma forma de destituir o presidente, o Chega! o faria”, afirmou André Ventura, líder da legenda. “O que o presidente disse é a maior traição à pátria e ao povo português de que há memória”, escreveu o Chega! no X (ex-Twitter).

As declarações de Rebelo de

Sousa estão inseridas em uma onda de acerto de contas das potências da Europa com seu passado colonial. Recentemente, Reino Unido, Alemanha, França e Holanda se movimentaram de diferentes formas para reconhecer os erros do colonialismo.

Em Portugal, no entanto, a discussão é bastante impopular dentro do país e ativistas se queixam que o discurso do presidente seja para consumo externo – tanto que as declarações foram dadas para um grupo de correspondentes estrangeiros em Lisboa.

CRÍTICAS. “Por trás desta estratégia internacional (de falar para correspondentes estrangeiros) está a falta de reconhecimento nacional de que este tema deve ser discutido”, disse Paula Cardoso ao jornal britânico *The Guardian*. Fundadora da plataforma Afrolink para profissionais negros em Portugal, ela reclama que as crianças portuguesas ainda aprendem uma versão romântica do colonialismo.

“Elas ainda aprendem na escola que Portugal foi um excelente colonizador, que descobriu outros países e o povo português é tão único que se misturou com culturas diferentes, como se não tivessem ocorrido violações”, disse. “Não estamos sequer discutindo o impacto negativo da Era dos Descobrimentos. Então, como Portugal está assumindo toda a responsabilidade?” ● AFP, AP e EFE

Onda revisionista

● Alemanha

Em 2021, a Alemanha reconheceu que praticou genocídio na Namíbia, durante a ocupação colonial, se comprometendo a manter um fundo de US\$ 1,35 bilhão em ajuda ao país. Berlim concordou também em financiar projetos de infraestrutura, saúde e treinamento como forma de compensar seu papel no genocídio e no confisco de propriedades. O anúncio foi acompanhado por um pedido de desculpas. O governo da Namíbia disse que foi um “passo na direção certa”, mas ainda reivindica reparações diretas.

● França

Na semana passada, grupos de ativistas assinaram um documento exigindo que a França devolva o dinheiro pago pelo Haiti pelo reconhecimento de sua independência, em 1804. “Foram US\$ 21 bilhões, mais 200 anos de juros. Estamos falando de algo entre US\$ 150 bilhões e US\$ 200 bilhões ou mais”, disse Jemima Pierre, professora da Universidade da Colúmbia Britânica. Em 2021, o Estado francês devolveu 26 artefatos saqueados do Palácio de Abomei, no século 19, no antigo reino de Daomé. O governo de Benin agradeceu, mas disse que espera muito mais da França, que teria levado mais de 80% de seu patrimônio.



Charles: atrocidades no Quênia, mas sem pedido de desculpa

● Reino Unido

Em outubro, o rei Charles III afirmou, durante visita ao Quênia, que não há desculpas possíveis para as atrocidades cometidas na época

colonial pelo império britânico, mas não chegou a pedir perdão pelas atrocidades, como exigiam alguns ativistas africanos. Entre 1952 e 1960, mais de 10 mil pessoas foram massacradas na revolta Mau Mau contra o poder colonial.

● Holanda

Em julho de 2023, o rei Willem-Alexander pediu desculpas pelo envolvimento da Holanda no comércio e exploração de escravos durante a era colonial. O rei encomendou um estudo sobre o papel da família real, que deve ser divulgado em 2025. Os holandeses estimam que a Casa de Orange tenha lucrado cerca de US\$ 600 milhões (em valores



Willem-Alexander: perdão pelo papel da família na escravidão

atuais) com a escravidão em suas colônias nas Américas e na Ásia. O governo holandês pediu desculpas e criou um fundo de 200 milhões de euros para reparações.